

ÁREA TEMÁTICA: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
ESCREVIVÊNCIA NA QUILOMBAGEM AMAZÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE
RESISTÊNCIA FEMININA PELA IGUALDADE DE GÊNERO.

Resumo

Durante a coleta de dados em campo para a pesquisa da dissertação de mestrado em administração, foram observadas diversas situações que, embora relevantes, não foram incluídas na dissertação por fugirem do escopo inicialmente proposto. No entanto, essas experiências foram registradas em diários, com o objetivo de serem utilizadas em futuras ocasiões. Com base nessas observações, apresentamos um recorte temporal fundamentado nas experiências de campo, com o propósito de compreender de que modo a prática da escrevivência, conduzida por lideranças femininas, contribui para a promoção da igualdade de gênero em quilombos localizados na região amazônica, no norte do Brasil. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando diferentes métodos, com destaque para a escrevivência, conceito elaborado por Conceição Evaristo em 2017. Essa abordagem é articulada à teoria da quilombagem, propostas por Moura (1979, 2001), Nascimento (1980), Nascimento (2018) entre outros, além dos princípios de igualdade de gênero estabelecidos pelo quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5). A pesquisa concentrou-se em uma liderança feminina de um quilombo no Estado do Pará, cuja prática de escrevivência oferece subsídios para refletir sobre a importância de ações afirmativas de inclusão, voltadas a garantir oportunidades de afroempoderamento para meninas e mulheres amazônidas. Como resultado, foi possível evidenciar que os relatos de vivências se tornam ferramentas poderosas para o afroempoderamento das mulheres quilombolas, demonstrando que a escrevivência pode e deve ser utilizada como uma prática de resistência e transformação social no contexto amazônico.

Palavras-chave: Aquilombar. Escrevivência. Igualdade de gênero.

THEMATIC AREA: ORGANIZATIONAL STUDIES
ESCREVIVÊNCIA IN THE AMAZONIAN QUILOMBAGEM AS A STRATEGY OF
FEMALE RESISTANCE FOR GENDER EQUALITY.

Summary

During field data collection for my master's dissertation in administration, various situations were observed that, although relevant, were not included in the dissertation because they fell outside the initially proposed scope. However, these experiences were recorded in journals with the aim of being used in future opportunities. Based on these observations, we present a temporal excerpt grounded in the field experiences, with the purpose of understanding how the practice of *escrevivência*, led by female leaders, contributes to promoting gender equality in quilombos located in the Amazon region, in northern Brazil. The research adopts a qualitative approach, combining different methods, with a focus on *escrevivência*, a concept developed by Conceição Evaristo in 2017. This approach is linked to the theory of quilombagem, proposed by Moura (1979, 2001), Nascimento (1980), Nascimento (2018), among others, as well as the principles of gender equality established by the fifth Sustainable Development Goal (SDG 5). The study focused on a female leader of a quilombo in the state of Pará, whose practice of *escrevivência* provides insights to reflect on the importance of affirmative inclusion actions aimed at ensuring opportunities for Afro-empowerment for girls and women in the Amazon. As a result, it was possible to highlight that lived experiences become powerful tools for the Afro-empowerment of quilombola women, demonstrating that *escrevivência* can and should be used as a practice of resistance and social transformation in the Amazonian context.

Keywords: Aquilombar. *Escrevivência*. Gender equality.

1. Introdução

A escrevivência é um método de pesquisa que, embora empregue elementos narrativos, se distingue ao concentrar-se nas experiências de resistência e na valorização das identidades, com ênfase nas mulheres negras. Essa metodologia possibilita que suas histórias sejam ouvidas e reconhecidas (Evaristo, 2018; Ribeiro, 2018; Gonzalez, 2020). Criada por Conceição Evaristo, uma escritora negra brasileira, por volta de 2017, a escrevivência se destacou como uma técnica que enaltece narrativas de vidas marcadas por resistência e autoafirmação. Evaristo ganhou notoriedade como escritora no Brasil e, em março de 2024, fez história ao se tornar a primeira mulher negra a assumir a cadeira número 40 da Academia Mineira de Letras.

Nesse cenário, a pesquisa focou na experiência de Crystiane, uma mulher negra que vive em uma comunidade quilombola e ribeirinha, que aceitou compartilhar suas vivências a partir de seu “lugar de fala”, conforme orienta Ribeiro (2017), em sua trajetória consta relatos internos e externos ao quilombo, abordando suas reflexões sobre as barreiras discretas que existem entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico, além dos conflitos relacionados à desigualdade racial e de gênero. Por ser liderança no quilombo que está situado no estado do Pará, na parte norte do Brasil, dentro da extensa região da Amazônia, ela também discute o processo de fortalecimento da identidade afro, como o conceito de aquilombar, entre outros temas relevantes. Para dar início, utilizamos suas próprias palavras, as quais ela frequentemente emprega ao abrir suas apresentações em eventos, reuniões, encontros, entre outros:

Pedimos licença aos mais velhos, cujas batalhas por liberdade e pelo reconhecimento do direito à vida abriram as portas que hoje seguimos. Dentre esses Zumbis e Dandaras, ressaltamos as mulheres que, antes de nossa época, sofreram a opressão e a escravização de seus corpos, pensamentos e espíritos. Com sua sabedoria, perseverança e capacidade de superação, elas moldaram o futuro de seus descendentes, estabelecendo um legado de bravura e determinação, hoje explicados através da resistência e da resiliência. (Crystiane, 2024)

A valorização dos idosos, muitas vezes referida por quilombolas como “ancestralidade”, reconhece a história dos “afrodescendentes” escravizados no Brasil durante o “período colonial”. Fatores históricos e sociais influenciam esses processos, como discutido por Nascimento (1980) e Moura (1981, 2001, 2021), com dados complementares de Nascimento (2018) e outras autoras como Marin (2000), Lima (2002) e Silva (2020).

A pesquisa apresentada não segue o formato tradicional dos estudos organizacionais, mas mantém a rigorosidade acadêmica, fundamentando-se em aspectos histórico-sociais e utilizando a metodologia da escrevivência, conforme Evaristo (2018, 2020). Essa abordagem permite uma visão além da “racionalidade instrumental”, discutida por Bazanini e Cortez (2024) e Nunes e Coelho (2021).

Silva e Carrieri (2022) destacam que a escrevivência, desenvolvida por Evaristo, documenta experiências submersas de grupos marginalizados, desafiando a narrativa eurocêntrica nas ciências e combatendo o epistemicídio e a supremacia branca na academia (Rotondano et al., 2024; Silva, 2021). Assim, este estudo está alinhado a um movimento de resistência que promove ‘conhecimento diversificado e inclusivo’ (Bispo, 2021; Amoras, Costa e Araujo, 2021).

Além disso, apresento reflexões da coleta de dados que não foram incluídas na minha dissertação de mestrado em administração, defendida em 2024 em uma

universidade federal na Amazônia Paraense. Essa experiência mostrou a importância de valorizar saberes locais alinhados a críticas às hegemonias na pesquisa científica (De Sousa e Barbosa, 2020; Bazanini e Cortez, 2024; Melo e Nery, 2024).

Em 2024, a investigação foi integrada a um projeto que analisa o papel das mulheres quilombolas em suas comunidades no Brasil, especialmente no Pará e no Rio Grande do Sul. Iniciado em abril de 2019, com previsão de conclusão para dezembro de 2021, o projeto incluiu uma revisão sistemática da literatura. Contudo, devido à pandemia de covid-19, o trabalho de campo em 2020 foi substituído por aprofundamentos teóricos, produção de relatórios e redação de artigos. A pesquisa continuou entre março de 2022 e março de 2025, levando em conta as limitações decorrentes da pandemia e os recursos obtidos pela convocação do CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021.

Com base nos dados apresentados, a investigação foi conduzida utilizando a técnica da escrivência, com ênfase nas fases do processo de empoderamento feminino em cargos de liderança nos quilombos da Amazônia. Posteriormente, a pesquisa analisou a escrivência como um recurso para reflexão e reinterpretação da igualdade de gênero, tendo em vista o quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5), que visa promover a equidade de gênero e o fortalecimento de todas as mulheres e meninas, buscando aprofundar a compreensão dessas experiências (ONU MULHERES, 2015; Proni e Proni, 2018; Ipea, 2019; ONU, 2021; AGENDA 2020-2030, 2021).

Dessa maneira, o estudo teve como objetivo investigar como a experiência das líderes femininas nos quilombos da Amazônia Paraense pode favorecer a promoção da igualdade de gênero. Para tanto, a análise focou em como essas experiências contribuem para a luta por equidade de gênero nas comunidades locais.

O artigo adota uma abordagem baseada na escrivência e enfatiza a atuação das mulheres da Amazônia, abordando a questão da igualdade de gênero em sua busca por reconhecimento, dignidade e autonomia. Os achados obtidos ao longo da pesquisa são apresentados em todas as seções do documento. Na sequência, descreve-se a abordagem metodológica empregada, elucidando os processos utilizados na investigação. Por último, são apresentadas reflexões que enfatizam a relevância de fomentar a igualdade de gênero nas comunidades quilombolas da Amazônia, reconhecendo o papel essencial das mulheres na formação de ambientes alicerçados na resistência, na ancestralidade e na administração social.

2. Fundamentação Teórica

Nesta seção, exploraremos a teoria da quilombagem, com o intuito de esclarecer o processo de quilombar-se. Apresentaremos a perspectiva da escrivência. Ademais, discutiremos a questão da igualdade de gênero, destacando sua relevância no cenário abordado. Em cada seção, faremos ligações com os resultados e a análise da entrevista que foi conduzida.

2.1 Quilombagem amazônica:

A teoria da quilombagem trata da origem das comunidades de resistência formadas por negros africanos escravizados durante a colonização no Brasil, conhecidas como quilombos. Essas comunidades buscavam liberdade e a preservação cultural. Moura (1981; 2001; 2021) enfatiza que eram autônomas e enfrentavam a opressão, utilizando a fuga como estratégia de resistência.

Silva, Alencar e Barbalho (2020) lembram que a palavra 'quilombo' vem da língua ubutun dos ovimbundu. Na Amazônia, quilombos caracterizavam-se pela inclusão e

diversidade étnica, com a convivência de negros africanos, indígenas e mestiços (Marin, 2000; Lima, 2002; Silva, 2020).

Nascimento (1980) vê os quilombos como símbolos de resistência cultural e luta por direitos, enquanto Nascimento (2018) os define como locais de reivindicação de direitos. No Brasil, surgiram a partir de revoltas de escravizados, como na Bahia entre 1807 e 1809, criando espaços de luta organizada (Nascimento, 1980). Na Amazônia, essas comunidades também emergiram como resistência, misturando culturas africanas e indígenas e estabelecendo laços com a biodiversidade local, sem necessariamente envolver fuga (Marin, 2000; Lima, 2002; Coutinho e Maciel, 2024b). Quanto as afirmativas acima, Crystiane menciona que:

É comum observar as confusões das pessoas, até mesmo na academia. Por exemplo quilombo para nós quilombolas é o território, quilombolas são as pessoas, e somos diferentes dos indígenas, mas muitos ainda confundem achando que é o mesmo grupo, na verdade a luta é a mesma, a cultura é parecida, mas as composições populacionais são distintas, ainda ocorre que segundo a teoria da quilombagem, os quilombolas são os negros e negras que resistiram a opressão da escravização, nós atualmente somos os seus descendentes, identificados como remanescentes de quilombolas. (Crystiane, 2024).

2.1.1 Aquilombar feminino:

O conceito de “aquilombar-se” representa uma escolha de identidade que fortalece a resistência, a cultura e a relação com a terra, contribuindo para o reconhecimento das comunidades quilombolas, segundo Souto (2020), esse ato envolve a busca, formação e identificação com o quilombo, indo além de um espaço físico, sendo um movimento de afirmação coletiva de luta e resistência contra as dominações. A expressão também reflete uma transformação individual e coletiva, com um compromisso político e cultural de oposição às estruturas de poder que perpetuam desigualdades. As mulheres quilombolas, com seus saberes tradicionais, vêm ganhando reconhecimento na luta por direitos, destacando a importância do contexto social e cultural na construção de suas identidades e estratégias de resistência.

Quanto a essas afirmações, a participante descreve sua vivência no ambiente acadêmico, ressaltando a importância de manter sua identidade quilombola, mesmo quando distante de seu território, diz ela que:

A minha experiência no meio científico foi fundamental para que eu aprendesse técnicas que me permitissem compartilhar conhecimentos com as mulheres e suas famílias no quilombo. Na graduação tive poucas oportunidades de estudar quilombo, mas o fiz aos poucos, com ajuda de colegas também quilombolas de outros cursos, como antropologia, sociologia, serviço social, geografia, história e etc. Então sobre a fase do mestrado, ao iniciar a pesquisa teórica, estava me apropriando da teoria da quilombagem, quando percebi que o território que pertence e onde iria realizar a pesquisa de campo, estava perdendo suas características tradicionais; as pessoas não estavam mais vestindo as roupas e nem usando acessórios deixados por nossos ancestrais, e as práticas de manipulação de ervas, que ajudaram muitos durante a pandemia, estavam sendo esquecidas. Percebi a importância de resgatar a historicidade do território, pois era necessário escrever sobre a identidade e o processo de aquilombamento. Para isso, apresentei a coordenação um relatório das atividades de 2009 a 2023 do quilombo e propus um projeto de trabalho, que foi aceito por eles. Nesse projeto envolveu atividades como rodas de conversa com os anciãos, nas quais construímos o resgate da memória do quilombo. Nesse processo, resgatamos e fortalecemos a historicidade e os vínculos comunitários. Também realizamos

reuniões com as mulheres sobre a culinária local e sua importância, além de encontros com artesãos e artesãs, promovendo o fortalecimento da cultura e das tradições. Acredito que esse trabalho de coleta de informações e resgate da historicidade foi uma das maiores contribuições que deixamos e isso antes de iniciar a pesquisa de campo, proporcionamos assim o fortalecendo da identidade e promovemos a valorização de nossas raízes. (Crystiane, 2025).

Crystiane enfatiza a importância desse trabalho, que envolveu a colaboração das mulheres e de suas famílias no quilombo, especialmente na construção da historicidade, manifestada em registros fotográficos e na oralidade do grupo, sua vivência durante o percurso acadêmico, com ênfase na graduação e no mestrado em Administração, experiências que foram essenciais para desenvolver habilidades que possibilitaram a transmissão de conhecimentos científicos e o resgate dos saberes ancestrais entre as mulheres e suas famílias do quilombo.

Ela observa que, ao dar início à sua investigação, notou que o espaço tradicional do quilombo enfrentava transformações que comprometiam a identidade cultural, como o abandono das roupas de origem africana, acessórios e práticas ancestrais, principalmente aquelas ligadas ao uso de ervas medicinais e à gastronomia. Com isso, ela percebeu a relevância de resgatar a história e a memória da região, reforçando a identidade da comunidade quilombola e fomentando a valorização de suas origens. Para alcançar esse objetivo, desenvolveu um projeto que incluía atividades de valorização da memória, como rodas de conversa com os mais velhos, encontros com mulheres para discutir a culinária local e reuniões com artesãos, destacando suas tradições culturais.

Essa iniciativa de reconhecimento, valorização da história e as práticas culturais, ocorreram antes de dar início à pesquisa de campo, tendo sido considerada por ela uma das principais contribuições do seu trabalho, pois ajudou a fortalecer a identidade da comunidade, preservar suas origens e promover o reconhecimento da história do território quilombola. Em um breve trecho, ela menciona que:

Contextualizar quilombos para uma linguagem que a administração conseguisse se enxergar foi um processo complicado, porque na minha banca estariam docentes da área e uma docente convidada da área de antropologia e serviço social, então seria necessário aquilombar toda a pesquisa. A possibilidade que encontrei foi fazer artigos parciais do material, e submeter em congressos para poder receber feedbacks, porque a minha orientadora não conhecia a teoria da quilombagem, nem a teoria da interseccionalidade e eu não estava conseguindo explicar essas teorias na linguagem da administração. Um dos artigos foi submetido ao ENANPAD em 2024, não foi aprovado, mas enviaram o feedback elogiando a temática e sugerindo melhorias, além de indicarem autores sobre o que estava sendo proposto. Outros trabalhos foram submetidos, aprovados e apresentados, sendo: Seminário de Administração da Universidade de São Paulo, o conhecido SEMEAD da USP, houve feedback, melhorei a construção da teoria e ainda fomos o destaque do seminário, ficando entre os 03 melhores trabalhos da área de estudos organizacionais; Congresso Brasileiro de pesquisadores(as) negros(as) o COPENE; Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade, o CODS da Universidade da Amazônia a Unama e ao 3º Simpósio Agenda 2030 da Universidade Estadual do Maranhão a UEMA, em todos recebi feedback de como melhorar a escrita e direcionamento da pesquisa. Já com os pés no chão foquei na conclusão do capítulo sobre o aquilombar e como contextualizar esse processo na liderança feminina, sendo que não encontrei trabalhos sobre liderança feminina em

quilombos amazônicos, então trouxe a liderança comunitária e o feminismo negro e seguindo a pesquisa maior utilizei a teoria da interseccionalidade e assim consegui refinar, melhorar e elabora a dissertação com mais firmeza. (Crystiane, 2025).

2.2 Escrevivência:

A escrevivência é uma metodologia de pesquisa que, apesar de incorporar aspectos narrativos, se destaca por focar nas experiências de resistência e na afirmação de identidades, principalmente das mulheres negras, ao permitir que suas histórias sejam ouvidas (Evaristo, 2018; Ribeiro, 2018; Gonzalez, 2020). Enquanto a narrativa é um fenômeno social que permeia a cultura e o cotidiano, sendo descrita por Labov (1972) como "método de recuperar a experiência passada pela combinação de uma sequência verbal de causas a uma sequência de eventos." (p. 359-369), enquanto que a escrevivência associa o ato de escrever às experiências vividas, promovendo o afroempoderamento e a preservação da memória coletiva (Evaristo, 2018; 2020).

Ao organizar o tempo, a narrativa convencional adota uma estrutura sequencial — introdução, desenvolvimento e conclusão — que vincula passado, presente e futuro (Benveniste, 1974; Cavalcante e Moreira, 2022). Em contrapartida, a escrevivência desafia essas convenções, rompendo com modelos eurocêntricos e patriarcais, e propõe uma narrativa genuína, política e emancipadora, especialmente para grupos marginalizados, como mulheres negras quilombolas (Souza e Barbosa, 2020). Essa abordagem serve como uma forma de resistência, promovendo a reconstrução de identidades e desafiando as narrativas hegemônicas.

Através dos fundamentos da metodologia da escrevivência de Evaristo, foi possível contextualiza a trajetória de Crystiane, como a protagonista que compartilha sua vivência como mulher negra, quilombola e ribeirinha em uma comunidade de descendentes de quilombolas na Amazônia brasileira. Ela descreve seu processo de aquilombamento, sua experiência de transitar entre seu território e a universidade, as constantes visitas a sua casa, e a relação íntima expressa na afirmação "sou uma extensão do meu território". Em sua declaração, a participante ressaltou o seguinte:

Quando dizemos que somos a extensão do território, queremos dizer que somos parte da terra, das águas, da mata e da conexão com o quilombo. Essa ligação nunca se rompe, mesmo quando estamos longe do território. Somos um pedaço que sempre precisa voltar. Essa extensão nos dá força e nos lembra que fazemos parte de um todo, mesmo quando estamos em lugares distantes do nosso território. (Crystiane, 2024).

A Crystiane menciona que, ao se referirem como uma "extensão do território", estão expressando que pertencem à terra, aos rios, às florestas e ao quilombo, que representa um local de resistência e tradição. Essa relação é tão intensa que permanece intacta, mesmo na ausência física. Eles se percebem como uma parte que sempre necessita retornar à sua origem. Essa conexão proporciona força e a lembrança de que fazem parte de um conjunto, não importa onde estejam. É uma maneira de valorizar o vínculo com a terra e a cultura, que têm grande significado para eles.

Ela se destacou como a pioneira de sua família e em seu quilombo, ao ingressar na pós-graduação, traçando um percurso que desafia o sistema patriarcal, o machismo, a violência de gênero e a falta de reconhecimento social. Apesar dessas dificuldades, ela não deixou que isso a impedisse de progredir, culminando na obtenção de seu diploma de graduação e mestrado em administração pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e

posteriormente, avançando para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Em sua trajetória de vida, tanto pessoal quanto social e acadêmica, ela compartilha sua experiência como pesquisadora, situando o fortalecimento das mulheres em sua comunidade, a presença feminina na ciência e suas visões para o futuro. Ela afirma que:

Ser mulher negra, quilombola e ribeirinha implica carregar o peso de lutar contra diversas barreiras, que se iniciam no âmbito familiar, se estendem à comunidade e se revelam na sociedade. Como afirmam algumas mulheres do quilombo, que se inspiram na imagem materna, “minha inspiração é minha mãe”, simbolizando a força e a resistência que atravessam gerações. Contudo, o corpo muitas vezes questiona o peso dessa escolha, e existe uma consequência invisível em ser a primeira da família, a primeira da comunidade a sair para vivenciar a vida acadêmica. Isso pode causar doenças invisíveis, mas o retorno, o exemplo que deixo para a juventude e principalmente para as mulheres, acreditar e tentar mudar seus destinos, acaba sendo uma motivação e um combustível para continuar avançando. Assim, as políticas afirmativas proporcionaram um novo paradigma na minha vida e, principalmente, um novo rumo para o meu quilombo. (Depoimento de Crystiane, 2024)

Conforme Crystiane, ser uma mulher negra, quilombola e ribeirinha implica lidar com diversos desafios e barreiras em várias esferas. Esses obstáculos surgem primeiramente no âmbito familiar, onde podem existir preconceitos ou restrições, e se ampliam para a comunidade, alcançando, por fim, a sociedade em geral, que frequentemente não reconhece ou valoriza suas identidades e direitos.

Ao afirmar que “minha mãe é minha fonte de inspiração”, as mulheres do quilombo revelam que a determinação, bravura e resiliência que possuem se originam de suas origens familiares e das gerações que as precederam. Essa declaração representa a passagem de valores, a luta incessante por direitos e a aspiração por um amanhã mais promissor, sendo transmitida ao longo das gerações. É um tributo à tenacidade e à força que essas mulheres possuem para ultrapassar obstáculos e conquistar seu lugar na sociedade. Ao se introduzir, a protagonista se retrata da seguinte maneira:

Sou mulher negra, quilombola e ribeirinha. Nasci em Belém devido a complicações no parto e vivi parte da minha vida fora do quilombo, estudando e enfrentando momentos difíceis. Morei um longo período com minha avó materna isso em Belém, ela era uma excelente parteira¹. Após o seu falecimento as coisas ficaram complicadas, com as disputas familiares, então voltei a morar com minha mãe em Acará. Foram muitas idas e vindas, que deixaram marcas em mim. No começo, não me via como mulher negra ou quilombola, mas, ao participar do coletivo, fui resgatando minhas raízes e fortalecendo minha identidade, com o apoio de mulheres inspiradoras. Para ingressar na universidade, isso através das políticas

¹ Segundo Oliveira e Peralta (2020), nas comunidades rurais da Amazônia, o saber de partejar é tradicionalmente domínio de algumas mulheres, que atuam como parteiras e desempenham um papel fundamental no cuidado com o parto. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração, geralmente na adolescência e juventude, quando as jovens são iniciadas no ofício acompanhando as parteiras mais velhas, aprendendo na prática. Porém, com a ampliação do acesso à Saúde Pública, houve um aumento na medicalização do parto, o que mudou a forma como esses partos são realizados e também o papel das parteiras tradicionais. Essa mudança ressignifica o papel delas, que agora muitas vezes atuam como apoiadoras ou intermediárias no processo de parto, ajudando na decisão de encaminhar as mulheres para hospitais nas cidades, além de acompanhar a gestação, o parto e o puerpério. Assim, as parteiras continuam sendo figuras importantes na comunidade, exercendo um papel de ponte entre o saber tradicional e o sistema de saúde formal.

afirmativas de inclusão através das cotas, precisei superar muitos obstáculos, já tinha mais de dez anos sem entrar em sala de aula, enfrentei preconceitos, dificuldades financeiras e a pandemia. Mesmo assim, consegui concluir a graduação em 2022 e passei no mestrado, continuando minha trajetória acadêmica. Durante esse percurso, mantive contato com o território, constitui família, com a experiência que vivenciei na adolescência e parte da juventude fora do quilombo, me conscientizei da responsabilidade em levar meus filhos para viverem as experiências no quilombo, aprendendo com a natureza e o coletivo. Hoje, estou no doutorado, embora distante do território, mas ainda tenho consciência do quanto minha trajetória foi transformada pelo movimento quilombola. Quero compartilhar meus conhecimentos e retribuir tudo que a luta quilombola me proporcionou, contribuindo para o fortalecimento do meu povo e de outros quilombos. (Crystiane, 2025)

Na fala de Crystiane me remeteu à expressão "E eu, não sou uma mulher?", contextualizada por Hooks (2023), que conta a escrivência de Sojourner Truth, uma mulher negra ex-escravizada que se tornou abolicionista, em 1851. Durante a Convenção de Mulheres em Akron, Truth apresentou seu discurso improvisado, questionando uma sociedade que frequentemente ignorava os direitos das mulheres, especialmente as negras e ex-escravizadas. Ao reiterar a pergunta "E eu não sou uma mulher?", Truth evidencia a hipocrisia de uma sociedade que clamava por igualdade para mulheres brancas, enquanto marginalizava as mulheres negras. Sua indagação desafia argumentos que ignoravam a humanidade e os direitos igualitários dessas mulheres, aumentando a conscientização sobre a interseccionalidade entre gênero e raça.

A declaração de Crystiane e o discurso de Truth convergem ao reivindicarem a identidade, o reconhecimento e a valorização das mulheres negras, especialmente aquelas de comunidades tradicionais como os quilombos. Crystiane revela que, ao se reconectar com suas origens por meio de um grupo comunitário, fortaleceu sua identidade, similar ao que Truth abordou em seu discurso, onde questionava uma sociedade que marginalizava as mulheres negras.

Ambas as vozes confrontam a hipocrisia de uma sociedade que busca ocultar as vivências e direitos das mulheres negras. Crystiane destaca como o movimento quilombola e as políticas de ação afirmativa fortaleceram sua identidade, assim como Truth expôs as desigualdades enfrentadas por mulheres negras.

Essas narrativas enfatizam a relevância de entender a interseccionalidade entre raça, gênero e trajetória de vida, e incentivam a percepção de que a luta por direitos deve incluir todas as mulheres, especialmente aquelas com diversas identidades. Em síntese, as palavras de Crystiane e o discurso de Sojourner Truth se entrelaçam ao ressaltar a urgência de reconhecer e valorizar a humanidade e as batalhas das mulheres negras, tanto na narrativa do movimento abolicionista quanto na construção de identidades quilombolas. Ambas nos instigam a escutar, valorizar e apoiar essas vozes que desafiam as estruturas de exclusão e desigualdade.

2.3 Igualdade de Gênero:

Em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou a Agenda 2030, composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas, com o intuito de atender às necessidades do presente e do futuro. O ODS 5 visa promover a igualdade de gênero e o afroempoderamento de mulheres e meninas, fundamentais para o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável. A igualdade de gênero transcende os direitos humanos, sendo uma abordagem que melhora tanto a sociedade

quanto a economia, garantindo melhores condições de vida (Cottafava et al., 2022; Apostu e Gigauri, 2023; Nações Unidas, 2024; Yumnam, Gyanendra e Singh, 2024).

A equidade de gênero envolve a repartição de poder e oportunidades nas esferas política, econômica, educacional e profissional, sendo essencial para alcançar os objetivos da Agenda 2030. A ONU Mulheres destaca que essas iniciativas são vitais para construir uma sociedade justa. Desde a Década da Mulher (1975-1985) e a Conferência de Pequim em 1995, o tema ganhou maior atenção, culminando na criação da ONU Mulheres em 2010, focada na promoção da equidade de gênero. O afroempoderamento se relaciona às dinâmicas de poder e abrange aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, visando assegurar acesso ao conhecimento e transformar normas sociais.

Candido e Canguçu (2021) afirmam que, embora a participação feminina no mercado de trabalho tenha crescido, essa inclusão ainda é considerada insuficiente. Em 2015, as mulheres representavam 43,7% dos empregos formais, recebendo, em média, 16,1% a menos que os homens (Próni e Próni, 2018). A igualdade de gênero envolve uma justa distribuição de poder e oportunidades entre homens e mulheres em diversas esferas da vida social.

Fomentar a equidade de gênero e fortalecer mulheres e meninas é crucial para atingir as metas da Agenda 2030. Isso inclui garantir igualdade de oportunidades em educação, acesso a recursos financeiros e participação política. Além disso, é fundamental que mulheres e meninas ocupem papéis de liderança e participem ativamente das decisões, assim como exigido de homens e meninos. A ONU Mulheres reafirma que essas ações são essenciais para construir uma sociedade mais equitativa e harmoniosa. Um exemplo citado por Crystiane, foi o fortalecimento das mulheres em seu quilombo, segundo o que foi apresentado:

Já havia uma inquietação presente na minha vida, com a questão da situação de nós mulheres no quilombo, era como se fôssemos invisíveis, lembravam de nós apenas na questão cozinha e as vezes na secretaria, mas eu não sabia exatamente como organizar ou transformar isso em algo concreto. Lembro que a organização administrativa do quilombo aconteceu em 2009, fundamentada na antropologia, no reconhecimento da nossa identidade e, assim, no surgimento oficial da comunidade. No entanto, foi só em 2015 que nós, mulheres, conseguimos nos reunir para questionar um mecanismo de representatividade feminina dentro do coletivo. Com esse passo, criamos a Coordenação de Mulheres, que nos representa. Foi uma jornada longa, influenciada pelas mulheres do Cedenpa², da Malungu³ e de outros movimentos sociais, lembro de Maria Luiza e Malcher, explicando sobre a necessidade de nos organizar como coletivo de mulheres isso lá em 2010. Hoje, de certa forma, conseguimos nos reunir com mais facilidade, realizar oficinas, cursos, e passamos a nos ajudar mais, a nos ouvir e a lutar uma pela outra, a Coordenação fez e está fazendo muita diferença. (Crystiane, 2024)

A participante forneceu informações valiosas sobre a atuação feminina no quilombo ao longo do tempo, destacando momentos-chave: em 2009, com a organização do coletivo quilombola; em 2015, com a criação da Coordenação de Mulheres; em 2022, com a ativação em

² Cedenpa, é o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará é uma entidade sem fins lucrativos e sem vínculos partidários que desenvolve atividades em defesa dos direitos da população negra do Pará. A sede do Cedenpa está localizada na cidade de Belém, estado do Pará, Brasil.

³ Malungu é a Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará, surgiu como um dos desdobramentos da luta travada por mulheres e homens quilombolas que desde o final da década de 1980 exigem a garantia de seus direitos territoriais reconhecidos na Constituição Federal Brasileira de 1988, sua sede está localizada na cidade de Belém, Estado do Pará, Brasil.

conflitos territoriais e reivindicações por melhorias nas políticas públicas; e em 2023, ao defender a identidade quilombola e promover saberes ancestrais.

Segundo a ONU, o ODS 5 visa garantir a participação plena e ativa das mulheres em todos os setores, enfatizando a igualdade de oportunidades para lideranças. Essa relevância é ainda maior nas comunidades quilombolas da Amazônia, formadas por descendentes de africanos que resistiram à escravidão e que enfrentam desafios sociais, culturais e econômicos que limitam sua atuação política e econômica (Coutinho e Maciel, 2024a; Coelho e Vieira, 2025). Para avançar na equidade de gênero, é crucial implementar políticas que incentivem a participação feminina.

3. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, empregando as metodologias de Pesquisa Histórica e Pesquisa-Ação. Segundo autores como Vergara (2004), Godoy (2005, 2018), Craide (2011), Zambelo (2018) e Silva e Anjo (2024), a Pesquisa Histórica busca investigar, analisar e interpretar eventos e processos do passado, utilizando uma variedade de fontes, que incluem documentos, testemunhos orais, objetos, imagens e diferentes tipos de registros materiais. Essa abordagem proporciona uma análise mais minuciosa do contexto histórico, servindo de base para interpretações atuais. Além disso, Vergara (2004), Godoy (2005, 2018), Craide (2011), Zambelo (2018) e Silva e Anjo (2024) ressaltam que a Pesquisa-Ação Participante (APA) fundamenta-se em teorias que promovem um diálogo produtivo entre pesquisadores e os participantes do estudo.

A abordagem utilizada teve como objetivo entender de forma abrangente as vivências e práticas das mulheres quilombolas na Amazônia paraense, com a intenção de implementar ações que gerem mudanças relevantes na realidade identificada (Zambelo, 2018; Menelau et al, 2015; Saraiva e Anjo, 2020). A pesquisa foi conduzida a partir de uma perspectiva crítica, visando destacar o papel ativo das mulheres quilombolas na região, utilizando a escrevivência proposta por Evaristo como ferramenta metodológica. Conforme mencionado na seção 2.2, essa estratégia permitiu uma análise contextualizada das experiências da participante, enfatizando sua luta por direitos e reconhecimento.

Dentre as metodologias utilizadas, destaca-se a entrevista semiestruturada, adotando a abordagem da escrevivência, que possibilita às mulheres negras expressarem suas vivências de maneira profunda e subjetiva. O estudo foi realizado na Comunidade Quilombola de Alto do Acará, situada na área rural do município de Acará, no estado do Pará, com o objetivo de proporcionar uma compreensão aprofundada da realidade local e das dinâmicas sociais características dessa comunidade.

Os critérios utilizados para selecionar ou excluir participantes foram estabelecidos com base na metodologia da escrevivência, com o objetivo de escolher uma mulher negra, quilombola e que exercesse liderança. Essa mulher foi identificada como Crystiane, que aceitou participar, pedindo apenas que seu nome fosse respeitado e não invisibilizado. Com mais de dez anos de experiência em liderança feminina, ela oferece uma oportunidade significativa para explorar o afroempoderamento e a busca pela igualdade de gênero, em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5). Sua experiência cria uma ponte entre saberes empíricos e acadêmicos, aprofundando a compreensão do papel das mulheres em comunidades quilombolas que são reconhecidas por meio de políticas afirmativas no âmbito científico.

Em relação à inovação abordada nesta pesquisa, Siqueira, Avelar e Alcântara (2024) ressaltam que o progresso nas investigações sobre Estudos Organizacionais cria inúmeras oportunidades metodológicas, principalmente no que se refere aos métodos

qualitativos. Entretanto, os autores também mencionam os obstáculos que novas abordagens encontram devido à forte influência do positivismo e do funcionalismo na Administração, o que pode dificultar a integração de métodos mais críticos e colaborativos, como a Pesquisa-Ação, no contexto organizacional do Brasil.

As metodologias de História Oral e História de Vida foram formalmente registradas na década de 1920, com ênfase na Escola de Chicago (Ichikawa; Santos, 2010; Craide, 2011). Essas abordagens, que são relativamente novas, principalmente em sua forma qualitativa, passaram por um processo de evolução gradual, envolvendo debates em diversas áreas do conhecimento. Elas apresentam certas limitações, como a necessidade de um tempo considerável para a realização da pesquisa, além da subjetividade e sensibilidade que o pesquisador deve ter. Embora ainda não estejam plenamente integradas nos Estudos Organizacionais e de Recursos (EOR), já estão sendo aplicadas em programas de pós-graduação, evidenciando seu potencial para entender fenômenos organizacionais a partir da perspectiva dos indivíduos, através de entrevistas e relatos de experiências pessoais. Essas metodologias possuem um grande potencial para clarificar fenômenos dentro das organizações, levando em conta a visão dos indivíduos e adotando uma abordagem interdisciplinar e subjetiva (Godoy, 2005; Torlig et al., 2022)

4. Conclusão e Contribuições

A pesquisa buscou compreender como a prática da escrivência entre lideranças femininas em comunidades quilombolas da Amazônia Paraense pode promover a igualdade de gênero nessas regiões. As evidências mostraram que, apesar dos desafios impostos por sistemas racistas e patriarcais, as mulheres quilombolas desempenham papéis essenciais na defesa de seus direitos, na preservação cultural e na mobilização comunitária.

Os relatos de Crystiane, por meio da escrivência, destacam a capacidade dessas mulheres de fortalecer sua atuação, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e o empoderamento de lideranças femininas. Essa prática se revelou uma ferramenta poderosa para amplificar as vozes dos coletivos femininos, permitindo-lhes expressar experiências, desafios e conquistas de maneira pessoal e emotiva. Essa abordagem favorece a conscientização coletiva e enfatiza a importância de suas ações, reforçando o papel vital dessas lideranças na formulação de políticas públicas e na articulação comunitária.

Além disso, ao narrar suas histórias, as mulheres fortalecem sua identidade territorial, promovendo orgulho e valorização de suas tradições culturais. O fortalecimento de redes de apoio entre mulheres de diferentes quilombos, aliado à colaboração com organizações que defendem os direitos femininos, emerge como uma estratégia crucial para potencializar essas iniciativas. Essas conexões favorecem a expressão coletiva, incentivam a troca de experiências e consolidam um movimento de resistência e reivindicação de direitos.

Embora os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) não sejam especificamente direcionados às comunidades quilombolas, suas diretrizes são fundamentais para o avanço sustentável desses grupos. A implementação de ações ligadas ao ODS 1 (Erradicação da Pobreza), ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 5 (Igualdade de Gênero) pode ter um impacto significativo na melhora das condições de vida, no fortalecimento cultural e no reconhecimento dos direitos territoriais das comunidades quilombolas. Essas iniciativas promovem uma abordagem integrada que valoriza cultura, espaço territorial e a

participação ativa das mulheres na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

Em síntese, a prática da escrevivência por lideranças femininas nos quilombos da Amazônia brasileira, especialmente no Pará, revela-se uma estratégia eficaz para impulsionar a equidade de gênero, consolidar identidades culturais e promover progresso social. É imprescindível que políticas públicas, organizações e a sociedade em geral reconheçam e apoiem essas ações, criando condições para que as mulheres quilombolas mantenham seu papel central e promovam transformações sustentáveis e inclusivas em suas comunidades.

Referências Bibliográficas

AMORAS, M.; COSTA, S. M. G.; ARAÚJO, L. M. O Ativismo das Mulheres Negras Escravizadas no Brasil Colonial e Pósneo-Colonial, no Contexto da América Latina.

Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Dossiê Território, Gênero e Interseccionalidades. v. 23, e202128, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202128

APOSTU, S. A.; GIGAURI, I. Sustainable development and entrepreneurship in emerging countries: Are sustainable development and entrepreneurship reciprocally reinforcing? **Journal of Entrepreneurship, Management, and Innovation**, v. 19, n. 1, p. 41-77, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.7341/2023191>. Acessado em 28 jun.2025.

BAZANINI, R.; CORTEZ, E. Reflexões Sobre A Racionalidade Instrumental Na Gestão Das Organizações: O substrato do método cartesiano. **Pensamento & Realidade**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 157–176, 2024. DOI: 10.23925/2237-4418.2023v38i1.p157-176. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/58689>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique Générale**. Paris: Gallimard. 1974.

BISPO, Marcelo de Souza. A impossibilidade da ciência aberta sem alteridade e pluralidade epistêmica. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, p. e210246, 2021.

CANDIDO, Wesley Pereira; CANGUÇU, Luan Ribeiro. Análise da ODS 5: igualdade de gênero nas organizações. **Brazilian Journal of Business**, v. 3, n. 3, p. 2349-2363, 2021.

CAVALCANTE, Johnnata; MOREIRA, Márcia Zabdiele. Análise de Narrativas como Método para Investigar Tensões na Identidade Profissional de Professor: Conceitos e Aplicação. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 47, p. 64-94, 2022.

COELHO, Nagila Batista; VIEIRA, Denes Dantas. **Os Quilombos e o Trabalho Feminino: uma Análise do Trabalho Agrícola das Mulheres no Quilombo de Souza**, Porteiras-Ce. In: Migração, Trabalho e Povos Tradicionais entre Velhas e Novas Ruralidades: Tópicos em Pesquisa. Editora Científica Digital, 2025. p. 299-324.

COTTAFAVA, Dario et al. Sustainable development goals research in higher education institutions: An interdisciplinarity assessment through an entropy-based indicator. **Journal of Business Research**, v. 151, p. 138-155, 2022.

COUTINHO, Crystiane Amaral. MACIEL, Marinalva Cardoso. **A Interseccionalidade no Afroempoderamento de Mulheres Negras em Quilombos Amazônicos do Município**

de Acará. XV Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade & II Conferência Internacional de Economia Criativa e Políticas Públicas. Unama. Belém. 2024a.

COUTINHO, Crystiane Amaral. MACIEL, Marinalva Cardoso. **O Afroempoderamento na Quilombagem Amazônica das mulheres da Amarqualta.** XXVII Seminário de Administração – SEMEAD. São Paulo. 2024b.

CRAIDE, A. **A Adoção da história de vida em pesquisas sobre a interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração.** Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 3., 2011, João Pessoa. Anais... João Pessoa: EnEPQ, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Organização de Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Organização de Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosario A. Pereira. 2 ed. BeloHorizonte: Idea, 2018.

GENDA 2030 (Brasil). **Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** [S. l.], 2021. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/ods/5/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GODOY, A. S. **Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa.** *Gestão.Org*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 80-89, ago. 2005.

GODOY, A. S. Reflexão a Respeito das Contribuições e dos Limites da História de Vida na Pesquisa em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n.1, p. 161-175, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Org.: Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKE, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo.** 12. ed. Tradução de Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. **Contribuições da história oral à pesquisa organizacional.** In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO R.; SILVA, A. B. Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, p. 181-205, 2010.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Brasil). **ODS 5 - alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.** Brasília: Livraria Ipea, 2019. 1-62p.

LABOV, W. **Lagunage in the inner city Philadelphia.** Pennsylvania University Press, 1972.

LIMA, A. R. R. **Revoltas camponesas no Vale do Acará-Grão-Pará (1822-1840).** 2002. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2002.

MARIN, R. E. A. **Camponeses, donos de engenhos e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX.** Paper 153, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v9i1.11672>. Acesso em: 3 mai. 2025.

MELO, Juliana de Lima; NERY, Vitor Sousa Cunha. O cuidar e o curar: as práticas de benzimento de Seu Roque e a primeira infância na Ilha de Santana/AP. **Revista Científica Sigma**, v. 5, n. 6, p. 38-54, 2024.

MENELAU, S. et al. Realizar pesquisa sem ação ou pesquisa-ação na área de Administração? Uma reflexão metodológica. RAUSP. **Management Journal**, v. 50, n. 1, p. 40-55. jan./fev./mar. 2015.

MOURA, Clóvis. "**A Quilombagem como Expressão de Protesto Radical**" - 2001, disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408011>

MOURA, Clóvis. **O Negro, de Bom Escravo a Mau Cidadão?** 2. Ed. –São Paulo: Editora Dandara, 2021.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas**. 3ª Ed – São Paulo. Ciências Humanas. 1981. 282 p

Nações Unidas. 2024. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis no Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> acessado em 25 mar 2025.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NUNES, Andressa; COELHO, Henrique. Análise narrativa no cenário de pesquisa da ciência administrativa brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 8, n. 3, p. 630-660, 2021.

OLIVEIRA, Rônison de Souza de; PERALTA, Nelissa; SOUSA, Marília de Jesus Silva. As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 79-100, 2020.

ONU MULHERES. **Progresso das Mulheres no Mundo 2019-2020**. Brasília, DF: ONU Mulheres Brasil, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3aiKLwP>. Acesso em: 20 jun 2025.

ONU. **Atividades de apoio ao avanço dos ODS no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.unglobalcompact.org/interactive/sdgs/countries/24>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PRONI, Thaíssa; PRONI, Marcelo. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, ano 2018, v. 26, n. 1, 8 fev. 2018. INSS 1806-9584. P. 1-21.

RIBEIRO, Djamila – **O que é lugar de fala?** – Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila - **Quem tem medo do Feminismo Negro?** – 1ª ed. São Paulo; Companhias das letras, 2018.

ROTONDANO, Simone Filgueiras et al. Subversões políticas e epistêmicas: reflexões sobre a Pós Graduação stricto sensu a partir de uma proposição descolonizadora e emancipatória no percurso formativo. **GENTES**. 2024.

SARAIVA, C. M.; ANJOS Á. M. G. dos. A pesquisa-ação no ensino superior: um caminho de (trans)formação individual e social. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 21, nº 3, p. 282–315, Set./Dez., 2020.

SILVA, Fernanda Rocha da; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Repensar “organizações e sociedade” a partir das escrituras: Por uma gestão das e nas lacunas. **Organizações & Sociedade**, v. 29, p. 385-413, 2022.

SILVA, J. M. **O território quilombola do Alto Acará/PA como resistência à expansão do agronegócio do dendê**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2020.

SILVA, José Bezerra de; BEZERRA, Anderson de Alencar; BARBALHO, José Ivamilson Silva. A Quilombagem No Século XXI: Reconhecimento Ou Emancipação?. **Revista de Ciências Humanas Caeté**, v. 2, n. 3, p. 99-111, 2020.

SILVA, José Kennedy Lopes; ANJO, José Edemir da Silva. Pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais (EOR): reflexões sobre as escolhas e estratégias metodológicas. **Revista Gestão & Conexões**, v. 13, n. 3, p. 225-246, 2024.

SILVA, Viviane Pereira da. **A Palavra tem força: uma psicologia do axé e dos encantamentos**. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.

SIQUEIRA, João Fernandes Jorge; AVELAR, Gustavo dos Santos Miranda; ALCÂNTARA, Valderi de. Métodos qualitativos de pesquisa: explorando sentidos e temas em diferentes linhas de um programa de pós-graduação em administração. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 12, n. 32, p. 400-424, 2024.

SOUSA, Mariana Alves de; BARBOSA, Maria Valéria. Mulheres negras ocupando espaços por meio de narrativas e “escrituras”. **Caderno Espaço Feminino**, v. 33, n. 2, 2020.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. "Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea." **Metamorfose**, 4,4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/index/login>

TORLIG, E.; RESENDE JUNIOR, P.; FUJIHARA, R.; DEMO, G.; MONTENAZO, L.. Proposta de validação para instrumentos de pesquisa qualitativa (vali-quali). **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 05-29, jun. 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

YUMNAM, Gyanajeet; GYANENDRA, Yumnam; SINGH, Charoibam Ibohal. A systematic bibliometric review of the global research dynamics of United Nations Sustainable Development Goals 2030. **Sustainable Futures**, p. 100192, 2024.

ZAMBELLO, A. V. et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Organizador: Thiago Mazucato. Penápolis: Funepe, 2018.